

## DEMOCRACIA E NEOLIBERALISMO

Luiz Carlos Bresser-Pereira

Jornal do Brasil,

*Jornal do Brasil, 18.05.1992*

O golpe de 5 de abril no Peru, da mesma forma que a tentativa de golpe um pouco antes na Venezuela, mostram que a democracia está ameaçada na América Latina. As transições democráticas ocorreram na região nos anos 80 a partir da crise da dívida externa, que em pouco tempo se transformou em uma profunda crise do Estado. Os novos governos democráticos, entretanto, não têm sido capazes de enfrentar adequadamente a crise e superá-la. A renda per capita continua estagnada. A concentração da renda, já altíssima, apenas aumenta. Estabeleceu-se a democracia, a cidadania continua um projeto. Em consequência, a democracia não se consolida.

Para enfrentar a crise do Estado e do nacional-desenvolvimentismo surgiu uma nova ortodoxia - o consenso de Washington, a abordagem neoliberal para os problemas latino-americanos. Até há pouco Washington apresentava como modelos de reformas econômicas bem sucedidas não apenas o México e o Chile, mas também a Venezuela e o Peru. Ouvi isto mais de uma vez. Não é surpreendente, portanto, que quando a democracia se vê ameaçada, se atribua ao neoliberalismo a culpa.

Há exagero nessa atribuição. A instabilidade na Venezuela está certamente relacionada com a ortodoxia e a violência das medidas econômicas tomadas por Andrés Perez em 1989. Foi, porém, também causada pela corrupção que grassa naquele país. No Peru, a tentativa de implantar reformas orientadas para o mercado que implicavam em grandes sacrifícios para a população pode estar relacionada com o golpe. Mas não seriam maiores os sacrifícios que a população já vinha sofrendo em decorrência da crise não resolvida? Na verdade, o golpe no Peru é consequência, de um lado, da gravidade da crise peruana - uma crise sem precedentes na América Latina, que destruiu literalmente o Estado naquele país. Conforme observou recentemente Richard Webb, ex-presidente do Banco Central do Peru, ocorreu naquele país uma "privatização de fato", não planejada, não desejada, através do qual a receita e a despesa do Estado foram reduzidas, em termos reais, a menos de um quarto do que eram antes da crise. Em um quadro como esse, de destruição do Estado, é fácil

perceber que a sociedade civil também foi destruída. O que sobrou foi, de um lado, o terrorismo do Sendero Luminoso e o narcotráfico, de outro o oportunismo irresponsável de Fugimore e o autoritarismo equivocado dos militares. Comprovou-se, assim, que a destruição do Estado é incompatível com a democracia.

Não há dúvida de que as receitas neo-liberais são freqüentemente ineficientes e custosas. O neoliberalismo é uma ideologia dogmática, utópica, conservadora. Está baseada em um individualismo e em um pessimismo em relação a natureza humana radicais. Supõe que todas as relações econômicas podem ser resolvidas pelo mercado e vê no Estado seu principal inimigo. É preciso, porém, não confundir neoliberalismo com reformas orientadas para o mercado e com disciplina fiscal. No Brasil, por exemplo, a política econômica do governo Collor não é neoliberal, embora nem por isso seja populista. No México e no Chile também não se pode falar em uma política neoliberal, não obstante haja nesses países o respeito a disciplina fiscal e as reformas econômicas sejam orientadas para o mercado.

Aspásia Camargo publicou recentemente um excelente artigo, "A polêmica do liberalismo social" (Folha de S. Paulo, 17.4), no qual foi buscar as origens do social-liberalismo de Merquior, de Collor e de Salinas no cientista político mexicano Jesus Reyes Heróles, que publicou em 1961 *El Liberalismo Mexicano*. E observa em seu artigo que não pode ser coincidência o fato de os dois presidentes estarem usando a mesma expressão. Esta é "uma tentativa comum de fugir as tiranias do neoliberalismo, abrindo caminho a reformulação e não a derrocada do Estado". Não posso estar mais de acordo.

Tenho criticado o neoliberalismo. Ao contrário do que pensam seus defensores, existe uma alternativa para ele que não significa a volta ao populismo ou ao nacional-desenvolvimentismo. Keynes e a teoria do desenvolvimento econômico, a social-democracia e agora o social-liberalismo não são populistas e representam uma alternativa ao neoliberalismo. Entretanto, da mesma forma que há um tipo de direita neoliberal que quer cooptar todas as boas idéias ao neoliberalismo, há uma esquerda burra que insiste em ampliar indevidamente o conceito de neoliberalismo.

No início de 1991 escrevi um artigo dizendo que Collor não era um neoliberal. Está em meu livro *Os Tempos Heróicos de Collor e Zélia*. Suas posições desde então, que vão ao ponto de reconhecer o avanço social ocorrido em Cuba, têm insistentemente confirmado este fato. E no entanto setores radicais ou desinformados insistem em acusar o Presidente de neoliberal.

O neoliberalismo não foi a causa principal do golpe no Peru, mas está claro que o neoliberalismo constitui um perigo para a democracia e para a retomada do desenvolvimento na medida em que, com seu objetivo de um Estado mínimo, acaba por enfraquecer ainda mais um Estado já extraordinariamente enfraquecido pela crise fiscal. Em uma conferência sobre as reformas liberais e a consolidação da democracia

na América Latina e no Leste Europeu, recentemente realizada na Universidade de Bolonha, a conclusão mais geral a que chegaram cerca de vinte intelectuais, foi a de que a consolidação da democracia e a realização de reformas econômicas orientadas para o mercado depende da existência de um Estado fortalecido - ou, pelo menos, de um Estado que se fortaleça na medida em que as reformas são introduzidas. O que estamos vendo hoje no mundo, particularmente na América Latina e no Leste Europeu, entretanto, é o enfraquecimento do Estado, sempre a as receitas neoliberais são adotadas acriticamente e radicalmente, de uma forma que os próprios países desenvolvidos, onde essas receitas têm origem, na prática rejeitam.

\* Luiz Carlos Bresser Pereira, 57, empresário e professor da Fundação Getúlio Vargas, é editor da Revista de Economia Política e ex-Ministro da Fazenda (1987).